# Movimento filosófico - 23/12/2016

A questão do movimento ou da mudança é um problema antigo que preocupa a  
filosofia desde os pré-socráticos. Heráclito acreditava que a natureza era  
mudança: do quente ao frio, do duro ao mole, etc. No mesmo rio banhamos e não  
banhamos... É ou não é o mesmo rio? Não é a mesma água ou será que a água do  
rio um dia volta a passar nele novamente? A passos largos nos movemos na  
história da filosofia e o Filósofo postulou uma ciência da mudança (a física),  
mas, se mesmo a sua ontologia abrangia os seres móveis, tudo era "atraído"  
pelo primeiro motor, imóvel!!  
  
De fato, a modernidade se fechou no \_cogito\_ e na racionalidade pela linha de  
Kant e mesmo os empiristas ingleses se apoiaram em ideias que não pareciam tão  
susceptíveis ao movimento... Mas é Husserl que correlaciona a alteridade da  
experiência com a subjetividade. Visando ir além do mundo como um dado  
objetivo explorado nas suas dimensões espaço temporais pela matemática, o  
visar é o mundo da vida como polo inesgotável da experiência. Mas não é essa a  
tarefa do fenomenólogo, mas a de, pela \_epoché\_ , tomar esse mundo pré-dado  
como mero fenômeno, nos seus modos de doação para uma consciência subjetiva.  
  
A subjetividade se move na percepção do mundo, constituindo-o. Se o ego é um  
agora da percepção, esse agora abrange um passado como a intencionalidade  
daquele momento e um futuro que se abre para a vivência que acompanha o  
fenômeno. Cada vivência subjetiva delimita o objeto e o mundo e o ego passa e  
fica, como o outro polo. Esse encontro da subjetividade com o mundo  
fenomenológico é um aprofundamento para além das formas da sensibilidade, mas  
é contrário à psicologia. A fenomenologia é a descrição de tais modos de  
doação e tentaremos verificar como se pode assumir tal tarefa.